

LEITURAS, TEXTOS E CONTEXTOS¹

Newton Paulo Monteiro
Mestre em Letras e Linguística (UFG)
Professor e Coordenador do Curso de Letras
da Faculdade Alfredo Nasser

Este trabalho tem como objetivo tecer algumas reflexões sobre a aprendizagem da leitura à luz das teorias dos gêneros textuais e de aspectos históricos da leitura e do livro. Sintetiza algumas informações de teorias linguísticas contemporâneas para fundamentar uma interpretação das práticas de leitura e de usos dos textos. Em conclusão, são apresentados alguns encaminhamentos para o trabalho com a leitura e os gêneros na escola.



O lector

Fonte: commons.wikimedia.org

¹ Trabalho apresentado na Atividade Pedagógica Integradora (API) do Curso de Pedagogia da Faculdade Alfredo Nasser, em 29 de outubro de 2014.

O que precisamos saber para saber ler?

No século XIX, os trabalhadores das fábricas de charutos em Cuba pagavam os chamados *lectors* para lerem romances e jornais durante as horas de trabalho. Esta leitura proporcionava aos ouvintes um pouco de descontração, tornando mais fácil passar as longas horas do trabalho tedioso e repetitivo típico da confecção de charutos. Além disso, saber ler não era uma habilidade de todos. O *lector* era, assim, um profissional da leitura.

Este relato, feito por Manguel (2007) em sua obra *Uma história da leitura*, ilustra muito bem uma característica da leitura: uma atividade social, cultural e histórica. Ninguém imaginaria hoje pagar um leitor profissional para entreter outros durante as horas de trabalho, até porque existem tecnologias capazes de substituir os leitores humanos. Além disso, parece haver uma preferência pela música no local de trabalho.

Começar essa discussão sobre a leitura reconhecendo suas características socioculturais e históricas é fundamental para a reflexão do que constitui ensinar a ler. É evidente que a leitura possui outras características, como o fato de ser uma atividade linguística e cognitiva, mas não se pode perder de vista os contextos das práticas de ler.

Pode-se, assim, lançar a hipótese de que ensinar a ler equivale a ensinar um comportamento social, cultural, delimitado a um momento histórico. Desse modo, torna-se essencial compreender as funções que a leitura exerce em uma sociedade. Por exemplo, pode-se ler por prazer, para ficar informado ou como parte das atividades de trabalho e estudo. Existe a leitura pública tal como ocorre nas escolas, tribunais e igrejas e a leitura particular. Leem-se livros, revistas, jornais, panfletos, sites de internet e uma infinidade de outros objetos de leitura. Há as leituras consagradas, eruditas, incentivadas e também as desaconselhadas e até proibidas. Enfim, para cada ato de ler existe um lugar, um texto, um conjunto de expectativas, de valores e de crenças. Tudo isso resulta do grupo e da atividade social em que se está envolvido.

“

para cada ato de ler existe um lugar, um texto, um conjunto de expectativas, de valores e de crenças.

”

Em uma sociedade em que a informação e o conhecimento têm papéis primordiais, a leitura cumpre um papel importante em aumentar a visão de mundo dos sujeitos, cada vez mais envolvidos em realidades complexas, que fogem ao saber da pessoa comum. Considere-se, por exemplo, a leitura feita por profissionais altamente especializados, como cientistas, médicos, engenheiros e tantos outros. A leitura é constitutiva de sua formação. Cabe, então, perguntar, reportando-se a Freire (1986): será que sempre a leitura de mundo precede à leitura da palavra? Ou será a palavra também necessária para ler o mundo?

Sendo a leitura uma habilidade inserida em um contexto, é também apropriado perguntar que conhecimentos são necessários para a leitura eficaz.

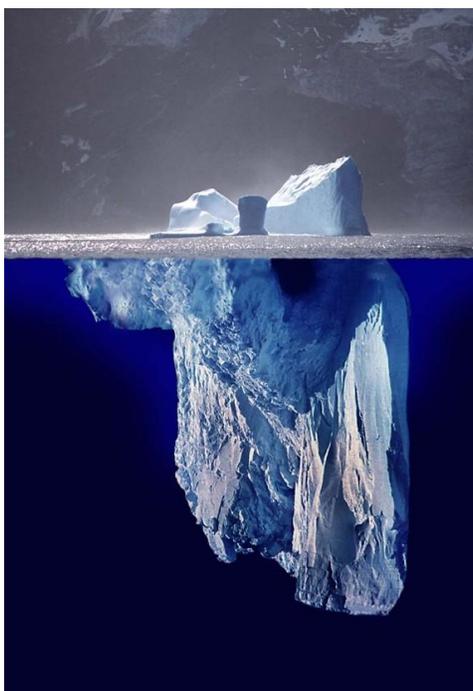
Conhecimentos necessários para a leitura

Os autores que tratam da leitura e do texto (Antunes, 2009, 2010; Bazerman, 2005, 2006) concordam que para a leitura acontecer são necessárias as seguintes modalidades de conhecimento:

- Conhecimento linguístico
- Conhecimento de mundo
- Conhecimento textual

O conhecimento linguístico se refere ao conhecimento da gramática, das palavras (sua formação, pronúncia, significado) e a ortografia. Tal conhecimento é imprescindível para a leitura, porém, trata-se de uma condição necessária, mas não suficiente. Isto se dá porque a leitura só ocorrerá quando o conhecimento linguístico estiver relacionado aos dois outros tipos de conhecimento. O conhecimento de mundo se refere ao saber anterior à leitura de um texto. Inclui o conhecimento de outros textos e do assunto em

pauta, as experiências pessoais, e o saber social acumulado e transmitido pela tradição e cultura. Visto que a leitura, a escrita e os textos existem em contextos sociais, culturais e históricos, não deveria surpreender que no ato de leitura um conjunto de conhecimentos presentes na memória do leitor sejam acessados para que se possam construir interpretações adequadas do texto. Desse modo, o leitor preenche lacunas deixadas no texto, já que nenhum texto pode falar de tudo. Em certo sentido, um texto é como um *iceberg*. À parte visível corresponde outra, muito maior, submersa e fora do alcance dos olhos. A parte visível é o que está escrito e a parte submersa é o que não é dito, mas se “quer dizer”. É o leitor que precisa “adivinhar” esta parte invisível e construir um significado para o texto.



O texto - um *iceberg*.

Fonte: [wikimedia](#)

Suportes textuais

Hoje a leitura é feita a partir de computadores, tablets, smartphones, livros, revistas, panfletos etc. Mas já houve época em que o texto era encontrado em rolos,
V 6, N. 2, jan-dez. 2020

tabuletas de argila, couro, papiro e outros materiais. A base sobre a qual se fixa um texto é chamada de *suporte*, seja um livro ou um computador. O suporte de um texto pode ter sido produzido para esta função (exemplo livro) ou pode simplesmente ocorrer que um objeto material se torne incidentalmente o suporte (escrita em uma carteira escolar).

É interessante que o suporte pode às vezes afetar a maneira como se classifica um texto. Por exemplo, uma carta enviada pela internet será provavelmente chamada de *email*. Um recado ou aviso pode ser um *comunicado* ou *bilhete*, quando no papel. Além disso, alguns textos podem aparecer em suportes diferentes sem alterar seu nome e função (uma receita de bolo na internet, em um livro de receitas ou em uma embalagem). Já em outros casos, o texto só pode aparecer em um determinado suporte (a receita médica). A aprendizagem da leitura também passa por saber lidar e interpretar os diversos suportes textuais. Considere, por exemplo, as diferentes habilidades para lidar com textos em mídia eletrônica como tablets e smartphones e nos rolos usados como suporte na antiguidade (ilustração abaixo). Uma evidência de que é necessário aprender a lidar com os suportes dos textos está no comportamento das crianças que têm a tendência de rasgar e rabiscar livros e revistas. A manipulação do texto também é um saber do leitor.



Livro de Ester
Fonte: [wikimedia](#)

Onde estão os textos?

A aprendizagem da leitura como comportamento sociocultural exige o conhecimento dos espaços onde os textos são encontrados. Isto pode parecer banal, pois os textos estão por toda a parte. Contudo, para certas leituras se faz necessário procurar pelos textos em lugares específicos - a biblioteca, a livraria, a banca de revista, a estante. O leitor experiente transita por tais espaços com facilidade, buscando e identificando os textos de seu interesse.

Na era da internet, conhecer o lugar dos textos significa saber buscar e filtrar as fontes disponíveis para encontrar os textos adequados para uma leitura. À medida que crianças e jovens passam pelas diversas etapas da vida escolar, espera-se que se tornem mais experientes em saber selecionar suas leituras, tendo em vista os objetivos por eles escolhidos, ou mesmo impostos pela escola. Portanto, um desafio para a escola é orientar o estudante para desenvolva senso crítico e gosto pelas diferentes modalidades de leitura.

A relação entre texto e espaço não se resume aos lugares onde os textos são encontrados. Refere-se também às posições em que os textos são encontrados em um suporte, e mesmo à localização das partes de um texto em seu conjunto. Oliveira (2009) explica que do século XIX para os séculos XX e XXI ocorreram mudanças na localização dos anúncios de emprego nos jornais paulistas, resultando em uma disposição mais padronizada dos anúncios atuais. Há também hoje lugares específicos para outros gêneros de textos, como os editoriais de jornais, encontrados com frequência nas primeiras páginas, e os artigos de opinião das revistas semanais, que são geralmente publicados no meio ou no fim das revistas.

A imagem no texto e o texto como imagem

Diversos linguistas têm afirmado que os textos são multimodais, isto é, são compostos de diferentes linguagens. A multimodalidade é cada vez mais presente, uma vez que texto, imagem estática, imagem em movimento (vídeos), sons, cores, hiperlinks e outras dimensões da comunicação aparecem nos textos, especialmente os publicados na internet.

Os textos infantis, as revistas populares, os relatórios técnicos e as placas de sinalização contam com a imagem como forma de comunicação conjugada aos textos propriamente verbais.

Mas a imagem no texto não se limita ao que se considera tradicionalmente como imagem. O próprio texto é imagem. Bourdieu e Chartier (2011) comentam a maneira como os parágrafos são organizados em diferentes publicações tendo em mente o público alvo. Assim, para leituras mais densas e intelectualizadas se utilizam textos

com parágrafos longos, o inverso ocorrendo com publicações destinadas a públicos de menor instrução. Fica claro que está em questão a dimensão visual do parágrafo e seu impacto sobre a motivação para a leitura. No jornalismo, os textos são intercalados com imagens, legendas, quadros, infográficos e leads (breves resumos introdutórios), todos organizados de modo que o leitor perceba o texto em 'pedaços' e não como uma continuidade. Trata-se de um verdadeiro trabalho de design para incentivar a leitura.

As relações entre os textos

Um fator de grande importância na aprendizagem da leitura é perceber que os textos não existem sozinhos. Os textos sempre fazem referências a outros textos, quer de forma explícita, quer implícita. Isto se chama intertextualidade, conceito discutido por diversos autores.

As relações entre os textos, porém, vão além das referências. Bazerman (2005, 2006) menciona conceitos como *conjunto* e *sistema* de gêneros, e Bhatia (2002; cf. Bezerra, s/d) discute a noção de *colônia* de gêneros.

Para Bazerman, conjunto de gêneros se refere aos textos próprios da atividade de um sujeito, especialmente profissional, tal como os diversos textos que fazem parte da prática do professor, como planos de aula, diários, livros didáticos, projetos, relatórios etc. Já o sistema de gêneros diz respeito aos textos que se relacionam entre si em uma sequência própria das atividades de uma comunidade. O professor, por exemplo, ministra aulas e distribui textos, que são lidos pelos alunos, que fazem provas e trabalhos, os quais são avaliados pelo professor. Por sua vez, os resultados das avaliações são encaminhados pelo professor à secretaria escolar, que gera relatórios e divulga as notas e faltas por meio de boletins. Há uma sequência (sistema) de textos nesse exemplo que se apoiam uns nos outros, retomando-lhes informações e as organizando ou gerando novos gêneros. Em Bhatia (2002), o conceito de colônia permite compreender as semelhanças e diferenças entre gêneros que recebem nomeações diferentes, mas que apresentam funções comunicativas parecidas. Pode-se, assim, analisar as características de textos resumitivos, como o resumo, a sinopse, a resenha, ou introdutórios, como a introdução, o prefácio, o prólogo.

Conceitos como os considerados aqui precisam ser considerados no ensino de leitura, pois favorecem o amadurecimento do leitor em compreender as diversas funções e manifestações da linguagem escrita.

Não há texto que resista...

A sociedade está repleta de textos e seus leitores, mas a aprendizagem da leitura foi delegada a um espaço em particular, a escola. Trata-se de uma grande responsabilidade. O professor tem em suas mãos a possibilidade de proporcionar aos alunos um saber que deverá acompanhá-los em cada momento, lugar e passo de suas vidas. Mas a relação do texto com a escola é cheia de riscos.

Do que se discutiu aqui algo em especial merece ser destacado: a leitura é uma atividade contextualizada. Afinal, a leitura se dá em espaço, tempo e comunidades específicos; é feita por sujeitos específicos; a partir de textos que têm suas particularidades. Os textos se relacionam uns com os outros, formando o emaranhado do conhecimento.

Um dos riscos que a escola apresenta à aprendizagem da leitura está no livro didático. Ferramenta essencial do trabalho do professor, o livro didático pode também ser o responsável pelo aluno não lidar com textos em seus suportes originais, não perceber as funções comunicativas próprias do texto ou não identificar como os textos se relacionam. Por isso, a boa escolha do livro didático é um passo importante do ensino, como também a lucidez do professor em não ensinar apenas pelo livro didático.

Conduzir alunos aos espaços onde estão os textos, incentivá-los a buscar os textos na realidade fora da sala de aula e refletir sobre seus usos são tarefas essenciais na formação do leitor. Também é necessário se debruçar sobre os textos e suportes e compreender sua forma de organização. Criar espaços e momentos em aula para que os alunos manipulem os textos e os apreciem segundo sua escolha e interesse - assim como na vida fora da sala de aula - não é perda de tempo, mas uma decisão sábia de um professor que reconhece que a leitura é sempre feita por uma razão própria de quem lê.

Quando a escola e seus agentes tiram o texto da realidade e o transformam em um objeto frio, sem sentido, desinteressante, não há texto que resista. À escola cabe recuperar os sentidos e as razões do texto e preservá-las dentro da sala de aula. Tarefa difícil, mas não impossível.

Referências e indicações de leitura

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANTUNES, I. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola, 2010.

BATHIA, V. K. Applied genre analysis: a multi-perspective model. **IBÉRICA**, 4 [2002]: 3-19.

BAZERMAN, C.; DIONÍSIO, A. P., HOFFNAGEL, J. C. (Org.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BAZERMAN, C.; HOFFNAGEL, J. C., DIONÍSIO, A. P. (Org.) **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

BEZERRA, B. G. **Colônia de gêneros: o conceito e seu potencial analítico**. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/27.pdf>

BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, R. (Org.) **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1986.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Kelly Cristina de. Tradições discursivas: uma análise comparativa dos anúncios de emprego de jornais paulistas. In: GARCIA, B.R.V.; CUNHA, C.L.; PIRIS, E.L.; FERRAZ, F.S.M.; GONÇALVES SEGUNDO, P.R. (Orgs.). **Análises do Discurso: o diálogo entre as várias tendências na USP**. São Paulo: Paulistana Editora, 2009. Disponível em: <http://www.epedusp.org>.

OLIVEIRA, L. A. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola, 2010.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (e colaboradores). **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. Tradução de Gláís Sales Cordeiro. **Revista Brasileira de Educação**. N. 11, 1999.